
O gigante acordou: reflexões sobre movimentos sociais e adolescência*

LUCIANE ROMBALDI DAVID**

RESUMO - Este artigo tem como objetivo refletir sobre movimentos sociais e adolescência. Para tal faz-se uma analogia, através de um breve relato dos protestos ocorridos em 2013 no Brasil e da obra Totem e Tabu de Sigmund Freud, somando-se a isso as questões próprias da fase adolescente. Conclui-se, por fim, a importância de tais movimentos para o social, compreendendo e entrelaçando o que é esperado nesta fase do ciclo vital com as manifestações sociais nas quais os adolescentes se engajam.

PALAVRAS-CHAVE - Adolescência. Movimentos sociais. Totem e tabu.

The giant woke up: a reflection on social movements and adolescence

ABSTRACT - This article aims to explore the link between social movements and adolescence. An analogy between a short narrative of the protests held in Brazil during 2013 and the book Totem and Taboo by Sigmund Freud was used to discuss typical issues of the adolescence. The conclusion highlights the social relevance of these movements, comprehend and connect what is expected from this life cycle stage with the social manifestations teenagers get involved.

KEYWORDS - Adolescence. Social Movements. Totem and Taboo.

Introdução

A ideia de escrever este trabalho nasceu em meio aos protestos que aconteceram no Brasil em junho de 2013. Tem como objetivo refletir sobre as questões próprias da fase adolescente, comparando a entrada do latente na adolescência como um gigante adormecido que acorda para o mundo, através de um breve relato do olhar da autora sobre um dos protestos acontecidos em Porto Alegre, seguido da relação entre as questões adolescentes e os movimentos sociais atuais. Além disso, busca-se uma analogia das manifestações adolescentes com a obra Totem e Tabu de Freud (1912-1913). Finalmente, pretende-

* Trabalho de conclusão do segundo ano do curso de Especialização do CEAPIA – Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência - apresentado em 2013.

** Psicóloga Especialista em Psicoterapia da Infância e Adolescência pelo CEAPIA.

-se abordar a função do psicoterapeuta e da sociedade para com a adolescência, assim como a função do adolescente para a sociedade, ressaltando a importância e legitimidade desses movimentos para o social.

O protesto

Dia 17 de junho, 19hs, faz frio na capital gaúcha. Um grupo de jovens combina, através das redes sociais, um encontro, “todos juntos é mais seguro” é o lema deles. No caminho vão se encontrando com outros iguais, se aglomerando. Atravessam a mata já escura do Parque Farroupilha. É possível enxergar policiais em seus cavalos percorrendo a mesma, viaturas de polícia com suas luzes piscando. No caminho encontram uma dupla, que estava receosa de chegar ao grande grupo, eles se juntam, afinal “todos juntos é mais seguro”.

Já é possível avistar a grande aglomeração de pessoas que caminham pela Avenida João Pessoa. Para se juntar a elas, é preciso passar pela cavalaria com seus policiais imponentes. A ordem é “passar o mais rápido possível, é perigoso”. É perigoso passar por policiais em cima de cavalos? Ligeira confusão. Seguem a ordem e sentem o medo de perto. Aproximam-se por trás do mar de gente, uma sensação de alegria vai contagiando a todos, o frio da noite não se faz mais presente, o calor dos outros aquece a todos. Pequenos grupos de pessoas imersos em um grande grupo. Gritos de todos os lados, com os mais diversos desejos, alguns ressoam até entrar em choque, outros se fazem ouvir mais claramente, eles clamam “sem violência”, “não à corrupção”, “sem partido”, “não me representa”, “não é pelos 20 centavos”, “saímos do facebook”, “povo mudo não muda”, “o gigante acordou”. Em meio à multidão, gritos isolados e um cartaz dizendo “fora Dilma”.

Todos marcham, contagiados e inebriados pela sensação de pertencer àquele grupo, àquelas vozes tão difusas e impregnadas de tanto sentido, muitas ideologias, gritos de guerra e paz. A meta é chegar até a sede da maior empresa de comunicação do estado, quanto mais avançam nessa direção, mais apavoradas as pessoas ficam. Qualquer movimento brusco, barulho forte, faz com que as pessoas saiam correndo em disparada, em todos os sentidos. Uns poucos esbravejam “não corre! Calma!”, fazendo gestos com os braços e mãos espalmadas, como se fizessem força para baixo, numa tentativa de conter o movimento de fuga. Logo mais pessoas começam a gritar “não corre” e os pequenos grupos em fuga diminuem a marcha, se olham e param. Nada havia acontecido, mas o medo está rondando a todos. Isso acontece muitas vezes até chegarem perto do prédio do Jornal Zero Hora.

A cavalaria e a polícia mostram seu poder, com bombas de gás lacrimogêneo a todo vapor. Aos poucos, a multidão vai dispersando, é preciso lutar, mas contra a repressão da polícia guardam-se os gritos e cartazes no bolso e dá-se meia-volta. Não todos. Um pequeno grupo começa a derrubar tudo o

que vê pela frente, destruir. Em resposta aos gritos de “sem violência”, respondem “isso é porque lá na frente eles atiraram bombas nos meus amigos, vamos quebrar tudo!”. Quem tenta impedir a força da violência à força causa brigas entre os membros do mesmo movimento. Depois que este grupo de mascarados deixa sua marca pelo caminho, outro grupo passa reparando, levantando as placas derrubadas, ajeitando como podem. A vontade é afastar-se daquele cenário de destruição, para não ser confundido com os chamados “vândalos” e sofrer as consequências de seus atos.

O gigante acordou e retumba pelos veículos de comunicação e redes sociais. O Movimento Passe Livre dialoga com o governo e consegue revogar o aumento das passagens de ônibus, motivo pelo qual as pessoas começaram a ir às ruas protestar. Mas, os manifestos continuam apesar disso e tomam maiores proporções, com exigências difusas e ideológicas por parte de seus participantes. A presidente do Brasil, depois de longos dias de silêncio, se manifesta em rede nacional de televisão e propõe um acordo. O gigante vai ficando sonolento novamente, os manifestantes discutem, através das redes sociais, em busca da centralização de alguns objetivos, porém não há consenso.

Temos um gigante que acordou e se fez notar através de um grande grupo de pessoas em sua maioria jovens. Conforme o Instituto de Pesquisas Datafolha, na primeira manifestação em São Paulo, 70% dos manifestantes frequentavam universidades e 53% tinham menos de vinte e cinco anos.

Se o gigante acordou é porque estava dormindo, talvez até sonhando. Agora que ele acordou, quem ele é? O que ele quer? Quais eram seus sonhos enquanto adormecido?

O gigante adormecido na latência acorda na adolescência

Pode-se pensar que este gigante, representado pela massa de jovens que ocuparam as ruas do país, habita em cada um de nós. É o gigante que adormece com o período chamado de latência. Conforme Macedo (2006), na latência “*adia-se a genitalidade e torna-se inativo o que é da ordem do desejo edípico frente à intensidade do recalçamento*” (p. 11).

Há um adormecimento das questões edípicas e do acesso à genitalidade, que estavam em efervescência até a resolução do complexo de Édipo. A partir da resolução do Édipo são abertas as portas à entrada da latência, deixando o psiquismo livre para sublimar e aprender (pulsão epistemofílica), enquanto o gigante pulsional dorme em sono profundo. Com o início da puberdade, o gigante começa a acordar e conforme Blos (1987), o púbere vivencia uma intensificação das características prévias à latência, o que estava detido vem à tona.

O gigante acordado traz com ele a erupção de todas as questões que tangem a adolescência. Segundo Aberastury (1984), na adolescência “*se elabora,*

lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância” (p. 13). O corpo vai mudando e se desenvolvendo sem o controle e a vontade do adolescente, seus genitais maturados possibilitam o início das experimentações sexuais, agora tanto o incesto quanto o parricídio se fazem possíveis na realidade, não apenas na fantasia, reatualizando a angústia de castração pelos desejos pré-edípicos narcisistas passivos e pelos desejos edípicos ativos (Aryan, 2005). Ocorre então a reedição do complexo de Édipo da infância, com o objetivo de estabelecer novos objetos sexuais e a consolidação da exogamia, abrindo caminho para a descoberta de objetos externos e extrafamiliares amados e odiados, o chamado segundo processo de individuação (Blos, 1996).

Nesta reatualização e ressignificação da experiência edípica, o adolescente trava um embate com as figuras paterna e materna internalizadas, precisa desligar-se destas para poder fazer novas ligações no mundo exterior, a tarefa do gigante em plena atividade é “matar os pais” da infância. Para Kancyper (1994), esta renúncia dos velhos laços incestuosos com os pais é um processo de desidentificação e reidentificação doloroso e culposos, equivalendo à perda ambivalente de um objeto de amor. O adolescente com isso renuncia também às normas éticas e ideais que correspondem ao ideal de ego, pois estavam até então ligadas ao objeto incestuoso.

É necessário lutar contra os padrões previamente estabelecidos, revê-los, questioná-los, buscar no mundo exterior figuras com quem se identificar, buscar novos ideais com os quais o adolescente possa vestir-se e encontrar a si mesmo. Desacomodações ocorrem, por dentro e por fora, nas identificações, no ideal de ego, no corpo com novas dimensões e características. Para ser, o adolescente precisa re-conhecer-se neste corpo e psiquismo e também no que não é mais (Macedo, 2006).

Conforme Levy (2006), este processo gera a perda das representações de si, causando angústia e fazendo com que o adolescente recolha-se para o mundo interno na ânsia de reconstruir essas representações. Além desse movimento para dentro, ele também recorre aos objetos externos, usando-os como espelhos que o ajudem a reconstruir a sua própria imagem, para que reflitam algo que os oriente.

Totem e tabu

Horda primitiva, anoitecer, faz calor na relva. Um grupo de homens combina um encontro na hora em que o sol se esconde atrás das montanhas. Se unem na raiva e inveja que nutrem pelo grande pai da horda, pai autoritário, que possui o poder supremo e todas as mulheres da tribo. “Todos juntos é mais forte” é o lema deles. Atravessam a mata já escura, apenas escuta-se o som dos animais, nada nem ninguém haverá de impedi-los em seus planos.

Forma-se um grande grupo de pessoas, algumas um tanto ressabiadas e temerosas, porém a raiva e o desejo de cada uma vão encorajando a todas. A ordem é “matar o pai, sem titubear”. Aproximam-se por trás da cabana em que o pai está descansando, cercam-na, empunhando lanças e objetos cortantes, gritos de todos os lados com um único desejo, bradam e urram para intimidar o grande pai, que se vê completamente indefeso frente à ira de seus filhos.

Todos partem para cima do pai, contagiados e inebriados pela sensação de pertencer àquele grupo, àquelas vozes e urros vorazes que retumbam a queda do autoritarismo do grande pai, gritos de guerra. A meta se cumpre, o pai está morto e fora devorado por todos do grupo, de modo que possam compartilhar dos poderes que até então haviam sido do pai. Está feito, devoraram a carne do pai e agora a culpa os devora por dentro, é preciso uma nova lei, o desejo pelo poder do pai destruiria a tribo, pois quem assumisse seu lugar seria morto e isso se perpetuaria até a extinção da horda. Surge uma nova ordem: é proibido matar o totem (que passa a ser o representante do pai e respeitado como tal) e é proibido o incesto (o qual se torna um tabu).

Agora que temos o vislumbre de dois movimentos sociais, a pergunta que brada em uníssono neste trabalho é: qual a semelhança entre este movimento social da horda primitiva e aquele que aconteceu em junho de 2013 no Brasil e o que isso tem a ver com os movimentos da adolescência?

Movimentos sociais e adolescência, o gigante tem fome de que?

Pode-se fazer uma analogia entre os protestos de 2013 no Brasil e Totem e tabu, obra social de Freud de 1912-1913, que completa cem anos justamente no ano em que surgem grandes manifestações sociais no Brasil. Os dois movimentos tem um objetivo em comum, a instauração de uma nova ordem.

Na horda primitiva houve a deposição do totem, do grande pai. Totem, conforme Freud (1912-1913), é geralmente um animal, raramente uma planta ou força da natureza, que é o ancestral comum do clã, seu espírito protetor e auxiliar. Os membros do clã acham-se na obrigação, sagrada e portadora de punição automática, de não matar (destruir) seu totem e abster-se de sua carne. Pode-se pensar o totem como o que representa a lei paterna, que na nossa sociedade atual poderia estar representada no governo.

No sistema totêmico, instaurado depois da morte do pai, entra em vigor a lei de que *“membros do mesmo totem não podem ter relações sexuais entre si, ou seja, também não podem se casar. É a instituição da exogamia, ligada ao totem”* (p. 21). Proibições que vêm a tona na adolescência, na reedição do complexo de Édipo da infância, com os desejos incestuosos e parricidas à flor da pele com a possibilidade real (pela questão maturacional) de que aconteçam. Ocorre uma luta interna neste período, travada contra a pulsão, com o

gigante que nos habita e acorda voraz após o longo período de adormecimento na latência.

Se há uma lei que proíbe o incesto, interdição que desde a horda primitiva se faz presente, é porque o desejo é real e imperativo. A necessidade de grandes proibições e punições existe pelo desejo estar muito próximo de seu acontecimento. Freud (1912-1913) refere que *“no tocante ao incesto, esses selvagens são mais sensíveis do que nós. Provavelmente se acham mais próximos da tentação, de modo que têm necessidade de maior proteção contra ela”* (p. 30). Pensa-se que na adolescência o gigante luta para fazer valer sua vontade, sendo necessário o desligamento dos laços incestuosos com as figuras paterno-maternas, voltando-se para novos objetos externos passíveis de identificação, idealização e realização da plena sexualidade sem interdições.

Nesta fase, o adolescente se volta contra os pais, questionando-os, se volta contra a ordem simbólica vigente até então, na qual os pais detêm o saber e eles são submissos a esse saber. Segundo Meltzer (1978), *“los adultos son vividos como si tuviesen el poder y el control del mundo”* (p. 3). Assim como a relação dos filhos com o pai autoritário da horda primitiva, o adolescente vivencia sua relação com os adultos como se eles detivessem um poder supremo, algo que eles não tiveram o direito de ter e que os adultos protegem contra qualquer intrusão. O pai da horda primitiva possuía algo que todos almejavam, o poder e as mulheres. A sexualidade é considerada, pelo adolescente, como a essência da situação autoritária, pois quem a exerce de forma plena é o adulto (os pais). Há o desejo de tomar posse de todo este poder e o adolescente vai desiludindo-se aos poucos e se liberando da submissão aos pais como divindades detentoras do saber.

O gigante que acordou na horda primeva foi às vias de fato, colocando em ato seus desejos parricidas e incestuosos. A partir deste ato houve um reordenamento simbólico com instauração de uma nova ordem, na qual passou a ser proibido comer e matar o totem, representante do pai, e ter relações sexuais com pessoas do endogrupo, proibição do incesto. Com os protestos de 2013, o gigante acordou e reivindica nova ordem, afronta o pai com seus gritos, cartazes e reclamações, e também ao destruir o patrimônio público (algumas vezes privado).

Nesta onda revolucionária, está confrontando o pai, talvez como se estivesse “destruindo” este pai, esta lei. Logo após expia sua culpa fazendo uma clara divisão entre os vândalos e os pacifistas, porém essas duas correntes existem dentro do mesmo movimento, dentro do gigante pulsa o amor e o ódio pelos pais da infância que agora precisam ser derrubados. Na adolescência, o grupo de pares vai assumindo importância crescente na socialização da culpa, na medida em que as transgressões deixam de ser apenas do indivíduo e passam a ser coletivas, com a responsabilidade compartilhada. Isso tem o importante feito de atenuar a rigidez superegóica herdada da infância (Levy, 2001, p. 132).

Em relação às proibições do tabu “*têm uma atitude ambivalente; nada gostariam mais do que fazer, em seu inconsciente, do que infringi-las, mas também têm receio disso; receiam justamente porque querem, e o temor é mais forte do que o desejo*” (Freud, 1912-1913, p. 60). Nos protestos de 2013, houve um clima de excitação contagiante e medo generalizado, o desejo de enfrentar o “pai”, a polícia que cercava o protesto, não deixando com que os manifestantes avançassem até onde quisessem, barrando-os.

Quem gera desordem e destruição é taxado como vândalo e cindido/excluído do grande grupo auto-intitulado pacifista, “*quem faz o proibido, quem viola o tabu, torna-se ele mesmo tabu (...) porque tem o perigoso atributo de tentar outros a seguir seu exemplo*” (p. 61). Os vândalos, neste momento, se equiparam ao que os manifestantes estão querendo pôr abaixo, à desordem das autoridades do país. Colocam no ato as reivindicações e questões adolescentes, ao invés de manter em pensamento e propor uma discussão construtiva. A destruição e baderna que eles causam acabam chamando atenção para as manifestações e imprimindo valor a mais a elas, há uma repetição identificatória e não uma transgressão saudável, que faz parte da adolescência.

Se numa sociedade em que o intermediário entre a autoridade (totem) e o povo é corrompido, manda e desmanda conforme seus interesses pessoais (ou de um seletto grupo) e não da nação, possui mais poder do que o próprio totem (a lei, que deveria assegurar o direito e o dever de todos), há uma desestruturação da ordem, uma confusão e corrupção de valores. “*Deixando impune a violação os outros se dariam conta de querer agir da mesma forma que o transgressor*” (Freud, 1912-1913, p. 63), é isso que acontece hoje em nosso país e contra isso que a população luta quando ocupa as ruas com seus reclames.

Conforme o sociólogo Castells (2013), há um esgotamento do modelo atual de representatividade e o que motivou o início das manifestações no Brasil, o reajuste dos preços do transporte público, serviu como um catalisador para muitos descontentamentos. Os cidadãos, em sua grande maioria, não se sentem representados pelas instituições democráticas.

Não estão contra a democracia, são contra a prática democrática em que a classe política se apropria da representação, não presta contas em nenhum momento e justifica qualquer coisa em função dos interesses do Estado e da classe política (interesses econômicos, tecnológicos e culturais), não respeitando os cidadãos.

Cuidando do gigante, considerações finais

Os movimentos sociais que ocorreram, no ano de 2013, no Brasil não tinham líder, não objetivavam de forma explícita matar o pai e tomar o lugar dele, mas sim questionavam a ordem, buscavam revisar as relações objetais.

Podem-se observar algumas mudanças nas manifestações ocorridas em 2013 e as que vêm ocorrendo nos anos de 2014 e 2015 no Brasil.

Nas primeiras manifestações, não ficava em evidência o desejo de matar o pai e tirá-lo de seu poder, ou seja, tirar os governantes do poder e instaurar uma nova ordem a partir de sua queda. Os gritos que pediam *impeachment* eram esparsos e tímidos. Nestas últimas manifestações, fica-se com a impressão de que esses gritos ganharam forma (e líderes) e estão mais fortes. Os altos e baixos próprios da fase adolescente e suas revisões de valores, somados à queda da confiança na ordem vigente fizeram com que, além de serem contra a corrupção, as manifestações passassem a ter como pauta derrubar o governante, incluindo pedidos de intervenção militar.

O que há em comum nestas manifestações é o questionamento dos objetos internos percebidos de forma onipotente e intensa na adolescência. Há essa revisão objetual, pois é impossível seguir submetido aos objetos internos onipotentes da infância. Procurando fora representações desses objetos internos, com quem possa lutar e confrontar, é que entra o papel da sociedade, dos governantes. A função da sociedade é resistir a essa sacudida e não sucumbir, mas sim amadurecer e se reconstituir.

O que acontece no mundo interno na adolescência é posto a céu aberto entre gritos e bombas de gás lacrimogêneo. Conforme Levy (2006), o processo adolescente desenvolve-se nas fronteiras do psíquico e do somático, do mundo interno e externo, do individual e familiar, do pessoal e cultural. O que o jovem grita, coloca pra fora, é um reflexo do seu mundo interno, das batalhas com seus pais internalizados, com o enfrentamento das proibições da infância, projetando no mundo, na sociedade e suas instituições suas questões, que são universais, "*aquello que se silencia en la infancia suele manifestarse a gritos durante la adolescência*" (Kancyper, 2007, p. 17).

Conforme Blos (1985), o adolescente nos fala, por meio de seu comportamento mal-adaptado, sobre esse estado de arrojado desarranjo da função social, chamado de anomia (falta de objetivos e perda de identidade, provocado pelas intensas transformações que ocorrem no mundo social moderno). É esse estado de acontecimentos que o adolescente expressa, embora ele não seja capaz de articular a natureza real de sua causa, nem as medidas necessárias para a regeneração social.

É importante que nós, psicoterapeutas de adolescentes, acompanhem os movimentos sociais nos quais nossos pacientes se engajam, para que assim possamos compreendê-los inseridos nestes movimentos levando em consideração as peculiaridades desta fase. Através desta compreensão, poderemos conter e decodificar seus gritos e reclames, relacionando estas manifestações aos conflitos que estão ocorrendo em seu mundo interno e fazem parte desta etapa.

Muitas vezes nos assustamos quando deparamo-nos com o gigante pulsional que habita em nossos pacientes adolescentes, frente às atuações e à erupção da agressividade e violência contra si e contra o outro. É preciso

estar ciente de que isso faz parte da adolescência comum e poder oferecer um aparato psíquico que esteja mais bem resolvido com suas próprias questões adolescentes para ajudar o paciente a passar por essa fase, sem aliar-se e identificar-se com ele de modo a simplesmente aceitar de forma resignada essas manifestações e atuações, assim como se deve estar atento a não agir de forma superegóica, ocupando o lugar dos pais infantis autoritários e detentores do saber, e sim oferecer um novo modelo de identificação.

É importante um ambiente facilitador (Winnicott, 1965) na adolescência, pois *“a apatia e o caos, a rebelião e a violência, a alienação e o desafeto são as consequências sintomáticas de um mau funcionamento no processo metabólico social, cujo funcionamento saudável é essencial para a manutenção do crescimento do organismo e seu ambiente, produtivamente unidos”* (Blos, 1985, p. 25). Assim como a criança precisa de pais e cuidadores que provejam um ambiente seguro para que possa se desenvolver livremente, na adolescência, com a ampliação das relações objetais, desidentificações, novas identificações e entrada importante das instituições e grupos sociais na vida do sujeito, a sociedade passa a ter que oferecer segurança para que se dê o pleno desenvolvimento da adolescência e suas vicissitudes, *“a sociedade, ou a instituição que a representa, torna-se o parente idealizado e transforma os pais reais emocionalmente obsoletos e sem utilidade”* (p. 26). Ao invés de reprimir e bater de frente, é preciso dispor ao adolescente um aparato psíquico capaz de conter a pulsão e metabolizá-la. À sociedade cabe acolher estes adolescentes, poder dar ouvido às vozes que gritam e sinalizam o que não vai bem.

Sendo assim, ao governo cabe escutar os reclames adolescentes que se fazem nitidos nos protestos, quando os jovens tomam as ruas do país. Reprimir com policiais, suas armas de bala de borracha e gás lacrimogêneo só faz com que a força adolescente (o nosso gigante) pulse com mais vontade ainda, vide comparação com o funcionamento do aparelho psíquico, no qual a pulsão exerce sua força para vir à consciência e, em contrapartida, a repressão faz força contrária para conter a pulsão, o que causa um desgaste de energia psíquica. Mas uma repressão também é necessária, e só acontece saudavelmente quando têm bons pais internalizados, pais cuidadores e não rígidos.

É preciso escutar com atenção o que as vozes difusas, porém fortes, pedem, já que ali está posto o que vai mal em nossa sociedade. O governo precisa agir como “pais suficientemente bons”, fazendo uma analogia ao termo “mãe suficientemente boa” de Winnicott, para com seus filhos adolescentes, chama-los para perto, através de canais abertos e debates, utilizar a democracia adolescente como porta-voz do que não está bem e precisa ser re-visto e re-estabelecido. Porém, para agir como “pais suficientemente bons”, o governo precisa poder ser tomado como um bom exemplo, como um modelo a ser seguido, ao contrário do modelo falho e corrompido que vigora atualmente. É preciso uma nova ordem, que seja honesta, transparente e democrática de

fato, que venha de cima para baixo, dos pais para os filhos, do governo para os cidadãos.

Referências

- Aberastury, A. (1984). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aryan, A. (2005). Contribuições à compreensão da experiência puberal. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 12, 101-119.
- Blos, P. (1985). *Adolescência, uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Blos, P. (1987). *Psicoanálisis de la adolescência*. Ed. Joaquín Mortiz.
- Blos, P. (1996). *Transição adolescente*. Porto Alegre: Artmed.
- Castells, M. (2013). *Manuel Castells analisa as manifestações em São Paulo*. Fronteiras do Pensamento, Entrevistas e artigos, 15/06/2013, São Paulo. Disponível em: <http://www.fronteiras.com/canalfronteiras/entrevistas/?16%2C68>
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. (coord. Paulo César de Souza), *Sigmund Freud, obras completas em 20 volumes* (vol XI, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913).
- Kancyper, L. (1994). *Ressentimento e remorso: estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kancyper, L. (1999). *Confronto de gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kancyper, L. (2007). Adolescência: o fim da ingenuidade. *Publicação CEAPIA – Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência*, 16, 52-59.
- Leminski, P. (2013). *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Levy, R. (2001). *O Ciclo da vida humana – uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed.
- Levy, R. (2006). Adolescência: re-ordenamento simbólico, o olhar e o equilíbrio narcísico. *Revista de psicanálise da SPPA*, 13, 233-245.
- Macedo, M. (2006). Latência e adolescência: um olhar da psicanálise. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 5, 9-16.
- Meltzer, D. (1978). *Seminários de Novara*. Traduzido de Quaderni di Psicoterapia Infantile. Roma: Borla. (pp. 2-17).
- Winnicott, D. (1965). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.